



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Collage art, revolution, civil disobedience, uprising, faceless, no signs, utopia, organical, colorfull

A DESOBEDIÊNCIA

COMO *ETHOS*: FOUCAULT LEITOR DE *O ANTI-ÉDIPO**

José Luís Ferraro

Resumo

O presente ensaio aborda a desobediência como *ethos* a partir da leitura do prefácio intitulado *Introdução a uma vida não fascista* à obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, lançada em 1972. Embora escrito em 1977 para edição publicada nos Estados Unidos, o prelúdio escrito por Michel Foucault nos oportuniza problematizar a desobediência como *ethos*. O olhar elogioso para o livro de Deleuze e Guattari o insere em uma dimensão ética que nos permite pensar nossa relação com o desejo a partir de um inconsciente que abandona sua condição fantasmática para assumir-se maquínico. Em sua alegoria como usina do desejo, no embate entre a psicanálise de então com uma esquizoanálise insurgente, abre-se a oportunidade para observarmos a crítica como ferramenta para problematizarmos o fascismo em suas múltiplas expressões os microfascismos contemporâneos. É nestes termos que o presente ensaio toma Foucault, leitor de *O anti-Édipo*, como possibilidade de evidenciar um horizonte de desobediência como *ethos*.

Palavras-chave

Desobediência como *ethos*; Michel Foucault; Gilles Deleuze; Félix Guattari; microfascismo.

DISOBEDIENCE AS *ETHOS*: FOUCAULT'S READING OF *THE ANTI-OEDIPUS*

Abstract

This essay approaches disobedience as *ethos* from the reading of the preface entitled *Introduction to a non-fascist life* to Gilles Deleuze and Félix Guattari's *The Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*, released in 1972. Although written in 1977 for publication in the United States, the prelude written by Michel Foucault gives us an opportunity to problematize disobedience as an *ethos*. Foucault's laudatory look at the Deleuze and Guattari's book inserts it in an ethical dimension that allows us to think our relationship with desire from an unconscious that abandons its phantasmatic condition to assume itself as machinic. In his allegory as a factory of desire, in the clash between the psychoanalysis of the time with an insurgent schizoanalysis, the opportunity to observe critique as a tool to problematize fascism in its multiple expressions, the contemporary microfascisms, opens. It is in these terms that the present essay takes Foucault, reader of *The Anti-Oedipus*, as a possibility to evidence a horizon of disobedience as *ethos*.

Keywords

Disobedience as *ethos*; Michel Foucault; Gilles Deleuze; Félix Guattari; microfascism.

Submetido em: 30/11/2022
Aceito em: 10/01/2023

Como citar: FERRARO, José Luís. A desobediência como *ethos*: Foucault leitor de *O anti-Édipo*. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 65-81, jul./dez. 2022.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

* Agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa Produtividade em Pesquisa.

O *ethos* da desobediência no bojo de uma vida não fascista

Este texto não tem outra pretensão senão a de servir como uma espécie de balão de ensaio para uma problematização que tem como fulcro argumentativo a desobediência como *ethos*. Não a desobediência civil como no sentido descrito por Henry Thoreau¹ – da resistência pacífica em relação a um outro do governo (e que, geralmente, [nos] governa conduzindo as nossas condutas) –, mas aquela que nos impele à produção de linhas de fuga; aos processos de (des)territorialização e de(s)colonização das formas (e das máquinas) desejanter frente a um sistema bem estruturado elevado à forma de racionalidade – atualmente referida como neoliberal – que nos captura cotidianamente e que em tempos de ascensão mundial da extrema-direita tem se agenciado às mais diversas formas e manifestações do fascismo.

Para tanto, é preciso destacar que ambos os fluxos, de territorialização e desterritorialização, no interior da proposição conceitual deleuzo-guattariana implicam em sincronismo. É neste sentido que se opta pela grafia (des)territorialização ou, talvez, devêssemos falar em (des/re)territorialização, considerando que toda desterritorialização de um lugar – ou que se dá em um plano – consiste em uma reterritorialização em outro. Logo, a (des)materialização contida no movimento de (des/re)territorializar-se nos conduz a compreensão de outros dois conceitos propostos por Deleuze e Guattari: o molar (ligado a ideia de território, materialidade e, portanto, sedentariedade) e o molecular – vinculado, por sua vez à desterritorialização, às linhas de fuga. Àquilo que escapa, à multiplicidade, aos processos-devir.^{2,3}

Trata-se, assim, de pensar a desobediência a partir das luzes que podem ser direcionadas a uma (re)composição que, pelo menos, desde 1977 com a publicação da edição estadunidense de *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*⁴, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, esteve sempre aí; produzindo alertas frente às ameaças de dominação das potências criadoras; da colonização das micropolíticas do desejo, por sua vez, tomadas de assalto pela matriz da estrutura neurótica freudiana.⁵

O que torna a edição publicada nos Estados Unidos tão especial é o seu prefácio intitulado de *Introdução a uma vida não fascista* e escrito pelo filósofo francês Michel Foucault. Se foi Francisco de Sales o autor de *Filotéia: introdução à vida devota*⁶ – em perspectiva exatamente contrária, preconizando a obediência a Deus com vistas à elevação espiritual (ascética) – será Foucault a se valer de título semelhante como uma

¹ THOREAU, *A desobediência civil*.

² DELEUZE & GUATTARI, *O que é a filosofia?*

³ DELEUZE & GUATTARI, *Mil platôs*.

⁴ DELEUZE & GUATTARI, *Anti-Oedipus*.

⁵ A matriz da estrutura neurótica está relacionada à organização das tópicas freudianas, principalmente à primeira tópica, com a consolidação dos sistemas *Pré-consciente/Consciente e Inconsciente* – relacionada ao desenvolvimento do indivíduo a partir da possibilidade de recalçamento, bem como da autonomização de seu ego. No caso dos lactentes, a distância inexistente entre a criança e a mãe (sujeito e objeto) começa a existir a partir do momento em que momentos de presença e de ausência da genitora vão contribuindo para a dissociação de ambos, para a percepção da existência de diferentes mundos (externo e interno) o que permite a ultrapassagem pela criança de uma espécie de zona de funcionamento entendida como psicótica em direção à consolidação/conformação da estrutura neurótica entendida como condição “normal”.

⁶ SALES, *Filotéia*.

espécie de paródia para corroborar a ruptura deleuzo-guattariana do enquadre edípico, trazendo à baila à dimensão ética que julga fundamental e que pode ser apreendida de *O anti-Édipo* – por ele compreendido como um importante “tratado de ética”.⁷

Para tanto, Foucault assinala o quanto Deleuze e Guattari se “divertem” com Freud ao longo das páginas do livro, mas também o quanto a obra conjunta do filósofo e do psicanalista foi – e continua sendo – capaz de nos deslocar por diferentes terrenos. Destarte, abordar a desobediência como *ethos* na proposição do prelúdio foucaultiano se inicia precisamente pela referência à esperança materializada como ausência de posições “tranquilizadoras”; ao mesmo tempo que a leitura livro não remete à pompa de um texto hegeliano; tampouco, pretendendo assumir-se como algum tipo de filosofia extraordinária. Pelo contrário: para Foucault, *O anti-Édipo* deve ser entendido como uma arte (*ars*), e não como coisa possuidora de quaisquer outras pretensões.

É nesse sentido que, como leitores, somos convocados a assumir uma posição não apenas ética, mas estética a partir de *O anti-Édipo*. Ao longo de suas páginas, somos jogados para o interior de um exercício reflexivo que nos conduz a (re)pensar nosso estilo de vida, *uma vida não fascista*; cuja conduta e os discursos – mesmo os considerados militantes, de pretensão revolucionária – possam ser liberados de todos e quaisquer rastros e/ou reminiscências dos fascismos mais ínfimos e cotidianos que podem se alojar nos escaninhos mais recônditos de nossos corpos.

Ser anti-Édipo é muito mais uma *ars* do que uma *scientia*, afinal trata-se da elaboração de um pensamento que contempla uma série de possibilidades de sujeito em relação a si mesmo, de um ocupar-se consigo como uma espécie de ideal ascético tal qual abordado por Foucault em sua *História da Sexualidade*.⁸ Logo, compreender *O anti-Édipo* como *ars* nos remete àquilo que Miguel Morey⁹ denominou de fase ou domínio ético de Foucault (uma denominação para efeitos didáticos). Nestes termos, o Foucault da ética é aquele que se indaga – ao mesmo tempo que permite e incita que nos indaguemos – como nos tornamos sujeitos da moral. Opera-se, aqui, no domínio da ética o que corresponde a relação do *ser-consigo* (MOREY, 1991).

A percepção foucaultiana encontra não apenas justificativa, mas sentido na obra do próprio filósofo, afinal é no curso *A Hermenêutica do sujeito*¹⁰ que, ao abordar sobre o tema da *estética da existência* entre os gregos, na antiguidade clássica, o autor se aproxima da ideia de desobediência a partir de uma noção peculiar que envolve a perspectiva da governamentalidade¹¹; mais especificamente do autogoverno. Isso

⁷ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

⁸ FOUCAULT, *A história da sexualidade*.

⁹ MOREY, *La cuestión del método*.

¹⁰ FOUCAULT, *A hermenêutica do sujeito*.

¹¹ A governamentalidade deve ser entendida tal qual Foucault a descreve em *Segurança, Território e População*, curso ministrado no *Collège de France* em 1978, como o “[...] conjunto constituído pelas instituições, pelos procedimentos, análises e reflexões, pelos cálculos e pelas táticas que permitem exercer esse modelo bem específico, ainda que complexo, de poder, que tem por alvo principal a população, por modelo principal de saber a economia política, por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por governamentalidade, eu entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, conduziu incessantemente, durante muito, muito tempo, à preeminência desse modelo de poder que se pode chamar de governo sobre todos os outros: soberania, disciplina etc. [...] enfim, por governamentalidade, eu acredito que seria preciso entender o processo, ou melhor, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, como se viu pouco a pouco governamentalizado.”. (FOUCAULT, *Segurança, território e população*, pp. 143-144).

implica uma abordagem da desobediência em uma esfera do exame da conduta de si em relação à moral, o que marca uma aproximação com a proposição de Deleuze e Guattari, afinal ser anti-Édipo é romper com a tradição psicanalítica que ainda na década de 1970 carregava fortemente o legado de uma *scientia* investida de parâmetros analíticos menos construtivos e mais interpretativos¹²; ao mesmo tempo que naquele momento se propunha, também a romper com a estrutura de um *setting* onde o divã foi tomado como alegoria; objeto simbólico do aprisionamento do paciente como objeto de um psicanalista convertido, segundo o próprio Foucault, em técnico do desejo¹³.

*O anti-Édipo*¹⁴ leva as palavras "capitalismo" e "esquizofrenia" em seu subtítulo por interessantes razões. Em relação a primeira, trata-se não apenas de um sistema econômico ainda vigente que ao longo da história – tendo suas práticas levadas ao seu limite – evoluiu para uma forma de racionalidade, convertendo-se em forma de governamentalidade (neoliberal). Ela também está associada às formas de captura do desejo por este sistema – agora forma de organizar a realidade – da mesma maneira que o inconsciente dos sujeitos neuróticos é levado a reprimir, ou até mesmo a recalcar¹⁵, seus desejos. Com isso, Deleuze e Guattari, estabelecem a relação entre neurose e capitalismo, que tem como pedra angular um conceito de desejo constituído a partir da falta: um desejo que pela ótica da psicanálise freudiana a partir da estrutura edípica (principalmente da angústia de castração) necessita ser inscrito (pelo outro) no sujeito.¹⁶

¹² A interpretação corresponde à intervenção do analista em relação ao paciente; a um exercício de tradução de símbolos presentes em sonhos, atos falhos, chistes, em um primeiro momento ininteligíveis – que passam a ser inseridos em uma rede de significação a partir de um processo de rememoração do analisando. Ao examinar o conteúdo da memória do analisando, o psicanalista se coloca em uma posição de poder ao realizar a interpretação. Já as construções constituem outra forma de intervenção psicanalítica estando mais associada ao ato de elaboração do que, propriamente, ao ato recordar, afinal, segundo Freud (*Além do princípio do prazer*, 1987), devido ao recalçamento, talvez não seja possível ao paciente recordar com clareza elementos essenciais que poderiam ajudá-lo em seu processo analítico relacionado a um fato específico.

¹³ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

¹⁴ DELEUZE & GUATTARI, *Anti-Oedipus*.

¹⁵ Para Freud (*Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*), o recalçamento implica separação entre afeto e imagem (ou ideia) no sistema Pré-consciente/Consciente, enviando a mesma para o sistema Inconsciente. Por outro lado, a repressão permanece enquanto mecanismo consciente atuando tão somente ao nível da censura. Segundo Laplanche e Pontalis (*Vocabulário de psicanálise*) a repressão ocorre quando algum material é excluído do campo da consciência sendo depositado na pré-consciência, o que pode estar relacionado por motivações morais, por exemplo.

¹⁶ Ao longo da escrita de sua teoria, Freud faz várias aproximações em relação à ideia de angústia, produzindo não um conceito, mas algumas possibilidades para sua definição. Sua última incursão sobre o termo diz respeito à relação que pode ser estabelecida ou sustentada a partir de investimentos libidinais e a ameaça da castração – que surge como um perigo real da exigência pulsional. O psicanalista passa a perceber que é o mecanismo da angústia que ativa o recalçamento e que em homens e mulheres estaria relacionada com a perda objetual, não apenas do objeto fálico, mas de uma cadeia de outros objetos interligados ele (FREUD, *Inibição, sintoma e angústia; Análise terminável e interminável; A divisão do eu no processo de defesa*). No caso do complexo de Édipo, a angústia de castração se manifesta no desfazimento da díade mãe-bebê com a perda do objeto materno que, na concepção de Jacques Lacan é elemento essencial para estruturação do desejo, evidenciando a castração como a inscrição do nome do pai, a apresentação da criança à lei e, portanto, à cultura e a proibição ao incesto em um movimento de normatização do desejo. Para Lacan, a castração é elemento essencial e estruturante do desejo (LACAN, *O Seminário, livro 7; O Seminário, livro 10*).

Com relação a esquizofrenia a opção dos autores se dá claramente pela oposição à neurose. O neurótico corresponde ao sujeito capaz de recalcar, ou seja, tem suas tópicas psíquicas minimamente bem construídas a ponto de ter bem diferenciados seus sistemas *inconsciente* e *pré-consciente/consciente* que lhes possibilitam não apenas o recalque, mas a repressão dos desejos e das memórias. Em face a isto, considera-se o neurótico o indivíduo capaz de conformar e ser conformado ao aceitar a intervenção "preso" ao divã – alegoria anteriormente citada e reintroduzida ao debate; essencial à produção de um sujeito do desejo constrangido pelas intervenções de psicanalistas que naquele momento lançavam mão de práticas totalizadoras, colocando-se em posições não abstinente em relação aos analisandos.

Deleuze e Guattari optam pelo *esquizo* como o nômade.¹⁷ Embora a esquizofrenia seja a patologia que leve o sujeito a construir uma realidade que lhe é própria; ela não é tomada pelos autores como a patologia, mas sim na perspectiva de um modo de vida militante, pois neste movimento há resistência – principalmente ao Édipo: o esquizofrênico não é edipianizável. Neste sentido, sob a perspectiva de uma razão edípica não teríamos o enquadre do esquizofrênico ao *setting* psicanalítico, pois sua desobediência como modo de resistência o faria abandonar o divã para efetuar o que Deleuze e Guattari denominaram de "passeio do esquizo"¹⁸: que implica na produção de linhas de fuga, na produção de formas de desejo cuja potência não permite que permaneçam confinadas e, tampouco, resistem às formas de captura e colonização. Trata-se de dar vazão a criação, as potências criadoras em constantes movimentos de (des/re)territorialização.

Foucault percebe este movimento em *O anti-Édipo* pelo tom provocativo com que o livro incita a produção de formas de vida como *ars*; fazer dos modos de existência obras de arte – a performatividade da estética da existência. Formas dissidentes empenhadas em resistir à dureza de uma realidade puramente concreta e porque não dizer, miserável; portanto, destrutiva. A dimensão estética surge como elemento de resistência e oposição a todas as formas de fascismos, os fascismos cotidianos – referidos como microfascismos.¹⁹

Foucault, então, sugere a partir da leitura de Deleuze e Guattari algumas premissas fundamentais para que escapemos, para que não nos deixemos capturar pelas armadilhas das condutas microfascismos que tendem a nos seduzir. Em outras palavras, faz referência a elementos que contribuem para que sejamos o *esquizo* em uma realidade

¹⁷ Deleuze e Guattari propõe a figura do nômade – o nomadismo ou o pensamento nômade – como a possibilidade de pensar a multiplicidade de arranjos, agenciamentos, encontros possíveis, materializando a perspectiva do rizoma. Sujeitos que se movem pelo território considerando a dimensão afetiva, opondo-se às máquinas déspotas, administrativas, convertendo-se em máquinas de guerra – que não se interessam por quaisquer transcendências ou essências ou pela fixidez da identidade; apenas pelos fluxos de suas jornadas, pelas linhas de fuga, pelas potências dos encontros uma vez que, por adotarem posturas errantes, distribuem-se ocupando incessantemente diferentes espaços recusando a gregarismo dos modos de vida capitalísticos (DELEUZE, *A ilha deserta*; DELEUZE; GUATTARI, *Mil platôs*).

¹⁸ DELEUZE & GUATTARI, *Anti-Oedipus*.

¹⁹ Segundo Sílvio Gallo (*Microfascismos, fundamentalismo e educação*, p. 27) tratam-se dos "fascismos do cotidiano, aqueles cristalizados nas relações de casal, nas relações entre irmãos, entre pais e filhos, nos locais de trabalho, nas relações pedagógicas, que tornam o fascismo um fenômeno socialmente forte. São os fascismos que se constituem e dispersam em níveis de estratificação moleculares que puderam, em alguns momentos históricos, fazer emergir um fascismo molar, um Estado fascista".

neurótico-capitalista: sujeitos capazes de explorar ao máximo o potencial criativo do desejo a partir de múltiplas (des/re)territorializações e agenciamentos, (re)conexões rizomáticas²⁰ que diagramam diferentes estratos sobre os quais possamos avançar.

Assim, maquinari possibilidades infinitas (da ordem $n-1$) assumindo compromissos revolucionários, sempre novos-outros-devires éticos e estéticos e não reacionários, aprisionados à moral, aos moralismos ou às tradições que se impõem sobre os corpos e comportamentos. É dessa forma que a proposição esquizoanalítica nasce em *O anti-Édipo*.²¹

Tampouco, vê possibilidade de uma prática como a do recalçamento como operando em um inconsciente que funciona sob uma lógica fantasmática. Para a esquizoanálise, desejo é produção, não falta. Ele é inerente ao sujeito, não precisando ser inscrito, mas enquanto potencial criativo, suas potências deverão ser canalizadas para a produção de uma multiplicidade de linhas de fuga que possam ser convertidas em agenciamentos positivos. É nesse sentido que em sua *Introdução para uma vida não fascista*, Foucault contribui para uma espécie de liberação (ou superação) do que poderíamos nos referir como razão edípica.

Assumir-se anti-Édipo está conectado a um modo de vida expresso por uma arte, seus desdobramentos são observados em diferentes aspectos da relação dos sujeitos tanto consigo, quanto com os outros – ou seja, que investem libidinalmente em direção a si mesmo e a alteridade – considerando, também, que nessa relação do *ser-consigo* e do *ser com o outro* está dada uma relação de governo. No entanto, por tratar-se de uma subversão da ordem neurótico-capitalista – afinal, é disso que se trata a *ars anti-edípica* – o desejo introduzido no pensamento, discurso e na ação assume um desdobramento político que busca reverter uma ordem (moral) pré-estabelecida que se apresenta como única saída civilizatória. Há a colonização da significação e, portanto, das formas de representação de significantes importantes (como a própria “civilização”), mas também “democracia”, “liberdade” e tantos outros cujos devires diminuídos são conformados no interior de determinadas ideologias as quais não apenas são confundidos, mas afeiçoam-se a elas, estabelecendo uma falsa relação pertinência a um campo discursivo ao qual estão longe de pertencer exclusivamente adotando um sentido único, abrindo mão da multiplicidade ou da polissemia – como se uma palavra pudesse renegar a semântica.

É nesse sentido que Foucault²² identifica os adversários que confrontam a “desobediência” anti-edípica. Adversários a serviço de uma anti-contraconduta manifestamente contrários à desobediência como *ethos*.

O primeiro são os ascetas políticos que se esforçam cotidianamente para manter a assepsia do ambiente político, de uma ordem política pré-estabelecida, historicamente dada. O filósofo francês se refere a eles como os burocratas da revolução, os funcionários da verdade; de uma verdade centralizada, hierarquizada, baseada em uma lógica

²⁰ Para Deleuze e Guattari (*Mil platôs*) “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas. A árvore é filiação, o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio”.

²¹ DELEUZE & GUATTARI, *Anti-Oedipus*.

²² FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

totalizante, que não gosta de ser questionada – o que remonta os modos de organização dos regimes autoritários.²³

A seguir, Foucault faz referência aos psicanalistas e ao contexto psicanalítico então vigente à época. Os psicanalistas como técnicos do desejo, lembrando que a ideia de *techné* é o que desvela, o que faz aparecer, emergir algo. Na Grécia, por exemplo, a *techné toû bioû* dizia respeito ao sujeito que aperfeiçoava a sua conduta, através do uso do *logos* como racionalidade; estando associando ao cuidando de si como uma espécie de melhoramento de si, o que faz a filosofia abandonar um caráter especulativo fazendo-a surgir como uma espécie de exercício ascético.²⁴

No caso dos psicanalistas o analisando é tomado como o objeto da intervenção analítica; logo, objeto da interpretação, de uma *scientia* onde cada sintoma, cada signo, possui uma possibilidade de registro. Há uma semiologia útil ao exercício do psicanalista que reduz a multiplicidade, a potência do desejo à lei binária estruturada pela falta²⁵; capaz de inscrever o desejo em um momento em que os psicanalistas atuavam mais interpretando do que fazendo construções ou quaisquer outros tipos de intervenções – o que implica certo empoderamento do analista em relação ao paciente, o que marca o rompimento da (pres)suposta relação assimétrica que deveria existir entre ambos.

Por fim, o terceiro e último adversário observado por Foucault. Também o mais perigoso: o fascismo.²⁶ Não apenas o fascismo de Estado presente nos movimentos de massa como aqueles que marcaram a história no início do século XX seja na Itália com Benito Mussolini, seja na Alemanha sob a batuta de Adolph Hitler, mas os denominados microfascismos; os fascismos cotidianos que nos fazem cair de amores pelo poder, nos paralisam e, ao dominar-nos, nos exploram. Fascismos que têm a força de colonizar nossos desejos, direcionando-o a modelos de desejo dos colonizadores; a uma economia política que se impõem sobre o quê e os modos como devemos desejar.

A economia libidinal do fascismo é peculiar, pois trata do desejo que deseja a aniquilação do próprio desejo; a efetivação do niilismo ou a captura das potências – a colonização das linhas de fuga, a servidão das formas desejanças. É esta economia libidinal que desde sempre foi direcionada para as massas.²⁷

Em termos macropolíticos, sua dimensão molar está associada à organização dos estados totalitários, em que pese possa haver estados com estas características sem fascismo. Por outro lado, em termos micropolíticos, há cotidianamente a tentativa de subversão deste estado, da máquina estatal, por máquinas de guerra (microfascismos). De fato, o fascismo não é a efetivação da guerra como meio, mas como fim em si mesma: ele consiste na destruição de tudo o que é diferente.^{28,29}

²³ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

²⁴ FOUCAULT, *A hermenêutica do sujeito*.

²⁵ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

²⁶ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

²⁷ DELEUZE & GUATTARI, *Mil platôs*.

²⁸ DELEUZE & GUATTARI, *Mil platôs*.

²⁹ A normalização dos comportamentos e práticas fascistas criou no Brasil entre 2019 e 2022, no período do governo de Jair Bolsonaro, levou a normalização de absurdos que atentaram contra direitos humanos e outros direitos fundamentais – vide a necropolítica adotada durante o manejo da pandemia no país e as reformas que atentam contra a qualidade de vida do trabalhador –, bem como reabilitou práticas de censura relacionada a prestação de contas na gestão pública brasileira.

Na seara do cotidiano, a referência feita aos microfascismos faz alusão às formas de fascismo descentralizadas, instauradas nas instituições. São os fascismos os quais nos deparamos no dia a dia, nos discursos das pessoas que conhecemos e que, em alguns casos, dependendo de suas posições hierárquicas, são utilizados para gerir pequenos medos e instaurar situações de insegurança permanente. São práticas (neste caso, de gestão) que se cristalizam em microcélulas das organizações para aniquilar quaisquer perspectivas criadoras.³⁰

A máquina estatal é sedentária. Como máquina abstrata, organiza os estratos e o todo um sistema de sobrecodificação que funciona sobre um diagrama onde se observam os dispositivos, as forças os fluxos, as linhas de segmentaridade. As máquinas de guerra a serviço do fascismo não desejam apenas dominar as linhas de fuga que surgem como ressonância desses jogos de força, dessas relações de poder, mas terminar com elas. O projeto de aniquilação do estatal coincide com a ideia de Paul Virilio³¹, do estado fascista ser um estado suicidário, em referência ao famoso telegrama 71 de Hitler, afinal “se a guerra está perdida, que a nação pereça”.³²

Cabe ressaltar que o fascismo seja em sua perspectiva molar ou molecular é um fenômeno de massa que aproveita espaços abertos, afinal não existe vácuo de poder.³³ Assim, é catapultado por meios de comunicação de massa, o que um dia foi papel fundamental do rádio e da televisão, hoje se populariza pela internet por meio das redes sociais mais populares; onde os conteúdos se disseminam rapidamente.

No entanto, compreender o fascismo na perspectiva dos microfascismos significa mirar tal problemática a partir de uma multiplicidade que na contemporaneidade parte de uma analítica que nos convida a analisar uma série de relações de forças, bem como seus fluxos, que se dão ao nível dos corpos que afetam e deixam-se afetar. Corpos que nesse movimento cotidiano vão negociando suas existências em uma multiplicidade de fluxos que os atravessam. Assim, os microfascismos agem em um nível que é o da subjetividade, que pode ou não deixar-se capturar pelas forças destes modos de afecção negativos que despotencializam nossas existências, nossos devires e nos mobilizam negativamente em relação às potências de uma ética criadora e de uma estética da existência em nome da (re)produção de um *indivíduo-massa* e, portanto, que deve obediência a um comportamento coletivo com suas respectivas crenças – modos de vida gregários como a perversão do fascismo, diriam Deleuze e Guattari³⁴.

Segundo Deleuze³⁵ fascismo se institui como a dobradiça entre o poder disciplinar (disciplinamento) e o poder de controle (vigilância). Não à toa que onde estes poderes encontram suas práticas aumentadas vê-se o fascismo imperar. Para ilustrar tal afirmação, poderia citar a iniciativa de militarização das escolas públicas brasileiras (a instituição de escolas cívico-militares), que entre 2019 e 2022 foi pauta política do Ministério da Educação de um governo totalmente investido de uma libido fascista. Escolas estas onde disciplinamento e controle são a tônica do exercício de conformação das subjetividades a partir de uma educação castrense. O militarismo enquanto ideologia

³⁰ DELEUZE & GUATTARI, *Mil platôs*.

³¹ VIRILIO, *La inseguridad del territorio*.

³² DELEUZE & GUATTARI, *Mil platôs*.

³³ DELEUZE, *Curso sobre Foucault*.

³⁴ DELEUZE & GUATTARI, *Anti-Oedipus*.

³⁵ DELEUZE, *Curso sobre Foucault*.

é fascista por excelência e serve à manutenção da lógica neoliberal porque se apoia em uma lógica meritocrática.

Logo, sob a lógica da desobediência como *ethos* a partir do célebre prefácio *Introdução a uma vida não fascista*, significa mirar o ser humano para além das relações que institui – e o constituem – em face aos estratos, aos segmentos binários, circulares ou progressivos passíveis de serem observados no campo social entre configurações molares. Também permite com que nessa relação macropolítica seja possível identificar as fugas, a incorrência daquilo que (ir)rompe; as dissidências, os escapes como atos revolucionários, insurgentes. Toda revolução é molecular,³⁶ e surge como ressonância.

A partir disso, as premissas destacadas no prefácio foucaultiano acabam por emergir como tópicos essenciais para que a desobediência como *ethos* nelas se configure como aquilo que impeça que caiamos na armadilha de uma vida condicionada seja pelo condicionamento da ação política ou psíquica.³⁷ O sedentarismo do desejo como falta se configura na estratificação e na sobredefinição de categorias que impedem seus fluxos como potência; a constituição da máquina desejante que supera sempre um ideal de totalização. Afinal, sempre algo escapa dos cortes e fluxos das maquinações.

Assim, sendo, é preciso liberar a ação política “de toda forma de paranoia unitária e totalizante”,³⁸ o que significa a inclusão da multiplicidade, seu reconhecimento no discurso. Considerar a potência do múltiplo ao mesmo tempo que a totalização é despotente porque é limitada. Os autoritarismos como regimes totalitários são, desta forma, limitados, pois não reconhecem as multiplicidades; a vontade de potência, lançando mão de uma expressão nietzschiana.³⁹ As totalizações estão comprometidas com a assepsia discursiva das metanarrativas históricas cada vez mais fragilizadas frente ao desenvolvimento da crítica como exercício não apenas racional, mas prático; mantendo-se na busca por conceitos únicos, fechados, não contemplando aberturas, dissidências, irregularidades ou quaisquer tipos desvios.

A cristalização do desejo – o desejo como falta – é essencial para que a desobediência não se converta em um *ethos* enquanto prática da diferença. Assim, seria a inscrição da falta um mecanismo de captura para instauração de um processo civilizatório a partir de uma economia política do desejo (de certa forma, “comum” a todos) ou a submissão à lei implicaria no reforço à ideia de identidade como esmagamento desta diferença? Parece pertinente pensar a articulação entre a libido, a falta, a diferença e o que está no bojo do fascismo; evidenciando a importância de um *ethos* que nos permita avaliar os limites da (des)obediência. Lembrando que Foucault, em outro momento, já nos indagou: “é inútil revoltar-se?”⁴⁰

Foucault ainda alerta sobre a necessidade de um conhecimento que se organize – cresça – a partir de movimentos moleculares entrópicos de (dis)junção. Não havendo mais espaço para a hierarquização piramidal, subdivisões e até mesmo para categorias que operem com a negatividade (ausência) que implica em preencher o que falta em uma atitude presunçosa do ser humano que pressupõe e insere características no objeto – tal qual o psicanalista que naquela época detinha uma verdade sobre o desejo e o sentido da falta, porque não construía este sentido conjuntamente com seu paciente.

³⁶ GUATTARI, *Revolução molecular*.

³⁷ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

³⁸ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

³⁹ NIEZTSCHKE, *Vontade de potência*.

⁴⁰ FOUCAULT, *É inútil revoltar-se?*

O filósofo francês já indicava a necessidade da escolha da multiplicidade, da diferença, características positivas para que a esta positividade (presença) pudesse ser atribuído algum sentido⁴¹. Tratava-se, já, de inverter a lógica, buscando o nomadismo nessa produtividade que não terá uma atribuição una, fixada, mas ao contrário: ela poderá ter seu sentido modificado ao longo do tempo pela própria subjetividade que se transmuta e se reinterpreta.

Compreender a relação desejo/realidade, suas formas de representação como um fenômeno revolucionário; os deslocamentos que a ela se quer atribuir, bem como as formas de militância que se instituem para que esta se torne realidade. Isso implica alegria na melhor concepção spinozana;⁴² na alegria dos agenciamentos positivos (do aumento da potência de ação, do *conatus*),⁴³ por mais abominável que seja aquilo que se está combatendo. É preciso ser alegre para superar – em termos da soma das forças – aquilo que se encontra externo a nós e que necessita ser combatido.⁴⁴

Foucault alerta sobre a adoção de uma prática política como intensificadora do pensamento e da análise do cenário político como multiplicadora dos domínios ou campos de intervenção da própria política, fazendo surgir possibilidades de (re)pensar nossa própria ação política sem esquecer que os indivíduos são produtos do poder e a função dos grupos – ao contrário da manutenção de uma hierarquização ou da promoção de uma identificação – deve ser a de desindividualizar, desconstruindo tal lógica.⁴⁵

Por fim, o filósofo nos pede: não caiam de amores pelo poder.⁴⁶ Mas, o que de fato isto significa – e principalmente, à luz do que até agora foi debatido? Sobre esta questão, o conselho foucaultiano diz respeito à necessária manutenção de um distanciamento em relação aos efeitos do poder.⁴⁷

Assim, Foucault não admite a possibilidade de que poderíamos escapar totalmente, nos desenredando das malhas deste poder, mas de mitigar seus efeitos a partir da modulação de nossa própria conduta em relação a ele – de uma distância segura de sua lógica autoritária e soberana, de suas práticas de vigilância e de controle; exercidas com o intuito de dominação dos corpos, da conformação dos comportamentos. É preciso desenvolver a atenção cotidiana necessária para a liberação de quaisquer constrangimentos em direção a uma arte de um bem viver, de uma estética da existência que potencialize as formas de vida não conformadas, desobedientes, nômades e, em assim sendo, caosmóticas.⁴⁸

⁴¹ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

⁴² SPINOZA, *Ética*.

⁴³ O *conatus* corresponde a uma força interna, como uma espécie de pulsão de preservação da existência, que materializado poderia ser o apetite (no corpo) ou na psique poderia corresponder ao desejo (SPINOZA, *Ética*).

⁴⁴ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

⁴⁵ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

⁴⁶ FOUCAULT, *An introduction to the non-fascist life*.

⁴⁷ É preciso lembrar que para Foucault, não existe um “fora” do poder ao mesmo tempo em que ele não é, tampouco, uma instituição ou uma estrutura. Para o filósofo, o poder é considerado uma relação e, exatamente, por corresponder a esta ordem que é relacional, complexa – e nem sempre repressiva – insere-se em uma situação estratégica no interior de uma determinada sociedade considerando seu espaço-tempo (FOUCAULT, *Microfísica do poder*).

⁴⁸ Diz respeito aos constantes deslocamentos dos modos de vida nômades, às (des/re)territorializações; da estrutura (*cosmos*) para fora da estrutura (*caos*) – do cosmos ao caos, do caos ao cosmos, caosmose (GUATTARI, *Caosmose*).

É aí que repousa o embate entre a razão edípica – de ordem psicanalítica – e o anti-Édipo como crítica esquizoanalítica com Deleuze e Guattari.⁴⁹ Como reflexo da ruptura pós-maio de 1968 o desejo passa a ser objeto de disputa entre uma psicanálise com uma técnica psicanalítica naquele momento colonizada pela prescrição de uma semiologia interpretativa, que submetia à lei e à castração e uma esquizoanálise que propunha liberar o inconsciente da fantasmagoria e o desejo da falta com a proposição de um inconsciente maquínico. As palavras de ordem passam a ser produção, criação, transbordamento como elementos de um sujeito que não seria mais o da falta, mas uma máquina desejante em agenciamentos constantes e infinitos.⁵⁰

A questão neste ponto é menos pensar a existência de um discurso entendido como prática verdadeira⁵¹ entre psicanálise e esquizoanálise, mas pensar a perspectiva de qual deles – na perspectiva do poder, no desejo de agir conformando, corrigindo, submetendo, normalizando – acaba por associar-se de maneira mais íntima, alinhando-se com as necessidades de emergência das condições ou de manutenção dos microfascismos. Isso não significa de modo algum afirmar que a psicanálise ao longo da história não tenha se transformado e reconfigurado suas práticas no interior das técnicas psicanalíticas a partir do que poderíamos chamar de *revolução anti-edípica*, afinal como o próprio Foucault fez questão de assinalar, a obra corresponde a um tratado de ética.⁵² O que é claro, nestes termos, é que todo microfascismo, em sua arqueogenealogia, possui uma relação com formas específicas de submissão à lei, à cultura – principalmente a uma cultura de massa.⁵³

A arqueogenealogia⁵⁴ diz respeito à maneira como Michel Foucault interroga o conhecimento. Nesse sentido, muitos pesquisadores a tomam como “método”. A referência a ela neste ensaio se dá no âmbito de uma tomada de posição frente àquilo que se deseja conhecer. A arqueologia interrogando as formas de emergência do saber e a genealogia, por sua vez, do poder. Nestes termos, como discursos autoritários podem ser tomados como objetos do saber a ponto de fazer com que na relação com esses discursos passemos a nos tornar sujeitos de ação, da ação política. Isso implica considerar que ao conhecer o modo de funcionamento destes discursos, como eles operam, corremos o risco – caso nos apaixonemos pelo poder – de nos deixarmos dominar por eles, a ponto de sermos dirigidos, termos nossa ação política condicionada por eles.

O certo é que Deleuze e Guattari estremeceram as bases da psicanálise vigente à época dando elementos essenciais e ao mesmo tempo necessários para uma virada de chave no campo psicanalítico; principalmente quando se pensa uma psicanálise comprometida com o social, que considera investimentos libidinais em uma via de mão dupla – não apenas do sujeito em relação ao *socius*, mas deste em relação ao sujeito. Há aí a oportunidade para a reatualização de ambos e, portanto, não apenas para que haja a submissão à lei, mas a possibilidade de transformação, da modificação da lei por estratégias de resignificação, de mudança da cultura. É aí que reside a desobediência como *ethos*, como a essência da crítica.

⁴⁹ DELEUZE & GUATTARI, *Anti-Oedipus*.

⁵⁰ DELEUZE & GUATTARI, *Anti-Oedipus*.

⁵¹ FOUCAULT, *A arqueologia do saber*.

⁵² DELEUZE & GUATTARI, *Anti-Oedipus*.

⁵³ FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*.

⁵⁴ FOUCAULT, *A arqueologia do saber*.

Logo, não se apaixonar pelo poder na perspectiva da libertação dos fascismos cotidianos é exercer a crítica como forma de não se deixar converter em uma forma de vida servil (subjetividades servis), mas de questionar a realidade. Foucault, em outro de seus textos intitulado *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*⁵⁵, em língua portuguesa *O que é a crítica? Crítica e esclarecimento*, diria que o cuidado diário para que isso não ocorra – esta vigilância cotidiana que o indivíduo exerce em relação a si mesmo – é exatamente uma crítica de si; afinal, segundo ele, o que é a crítica senão o discurso da inservidão voluntária – em uma clara paródia ao título da obra de Étienne La Boétie.⁵⁶ Portanto, a crítica também é em si mesma a prática da desobediência como *ethos*.

À guisa de conclusão

Se os microfascismos buscam a construção cotidiana por meio de práticas instituídas socialmente, tão somente o fazem porque não reconhecem a alteridade e, portanto, buscam aniquilá-las. Não sem antes acentuar as relações de poder que visam submetê-las, dominá-las, colonizar suas formas de ser por meio de seus pensamentos, subjugar-las nos termos de uma racionalidade dominante que as dessubjetiva e, portanto, as objetiva coisificando-as. A racionalidade fascista é dada para a massa. Assim, pronta, de cima para baixo. Daí depreende-se o fato de que o fascismo é dissonante do pensamento nômade, mas é compatível com um *nomos* como lei, inquestionável.

É por isso que podemos falar na existência de uma *economia do fascismo* ou que há no fascismo uma *economia libidinal*, onde a libido, é sempre uma pulsão e colonizada. Sob esta realidade, não há espaço para estratificações moleculares, mas apenas molares. E é nestes termos que no universo sedentário dos estratos molares do fascismo, a produção de um *corpo sem órgãos*⁵⁷, das linhas de fuga, da multiplicidade e da potência, dos devires, se torna impossível. Um corpo voltado para si mesmo, como plano de imanência do desejo e constituído pelos seus fluxos e intensidades.

A produção dos corpos fascistas, a captura dos indivíduos, os processos de individuação e de subjetivação aos quais são expostos para reforçar seu compromisso com o que há de mais reacionário, dependem de uma docilização disciplinar levada ao extremo. Dependem de táticas, de estratégias de sedução, de fazê-lo apaixonar-se pelo poder e suas tecnologias de dominação e reafirmação social – como a da virilidade que se agencia com o armamentismo e a filiação à tradição binária, cis, heteronormativa e patriarcal. Há uma série de discursos agenciados para esconder as diferenças, fazendo valer a hegemonia e a supremacia de determinadas identidades.

O presente ensaio abordou a desobediência como *ethos* a partir da leitura de Michel Foucault leitor de *O anti-Édipo*, mais especificamente de seu prefácio, intitulado *Introdução a uma vida não fascista* à edição estadunidense de 1977. Ao qualificar o livro de Gilles e Deleuze e Félix Guattari como um tratado de ética, Foucault insere o texto

⁵⁵ FOUCAULT, *Qu'est-ce que la critique?*

⁵⁶ LA BOÉTIE, *Discurso da servidão voluntária*.

⁵⁷ Para Deleuze e Guattari (*Mil platôs*) o corpo sem órgãos (CsO) é o plano de imanência do anti-Édipo, afinal um corpo sem os órgãos é um corpo potente, um corpo como campo aberto (às intensidades), desprovido daquilo que a teleologia dos órgãos lhes encerraria retirando-lhe a potência de ser mais. Logo, pode ser dizer que o CsO é um corpo em devir, uma antiprodução a serviço da produção.

deleuzo-guattariano como um dos grandes clássicos úteis para que possamos pensar as relações humanas – principalmente nossa relação com o desejo, afinal a proposta de inconsciente freudiano passou a ser tensionada na década de 1970 com a publicação da obra em questão.

Da esfera da representação da triangulação edípica para usina do desejo, do sujeito da falta para o sujeito do devir, que transborda, as modificações foram substanciais. Render-se ao recalque e à repressão do desejo, aceitar a castração como o grande rito civilizatório de quem aceita a lei e submete-se à cultura ou dar vazão aos processos criativos, ressignificar as formas do desejo? O que implicava naquela época este conflito e o que implica hoje? Qual a relação deste *ethos* desobediente em relação às formas identitárias totalizantes (ou totalizadoras) e os espaços que podem ser abertos em direção à diferença, ao diferente, às multiplicidades?

Foucault leitor de *O anti-Édipo* a partir de *Introdução a uma vida não fascista* é uma importante chave de leitura para compreendermos, entre outras coisas, o tempo presente: onde mais do que nunca a desobediência é necessária. A desobediência como *ethos*, que começa com a crítica e que por sua recorrência se converte em prática de resistência; se estende encontrando diferentes loci de resistência ao antifascismo que não necessariamente se materializam em lugares, mas em corpos que lutam, formas de vida dissidentes, modos de existência contra-hegemônicas que entenderam a máxima foucaultiana, do perigo de deixar-se seduzir, de cair de amores pelo poder.

Referências

- DELEUZE, Gilles; Félix Guattari. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 3. Rio de Janeiro. Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; Félix Guattari. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 5. Rio de Janeiro. Editora 34, 2000.
- DELEUZE, GILLES; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 1. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.
- DELEUZE, GILLES; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Curso sobre Foucault*. Tomo 2: El Poder. Buenos Aires: Cactus Editorial, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007d.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007c.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. An introduction to the non-fascist life. In: DELEUZE, Gilles; Deleuze; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*. New York: Viking, 1977.
- FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se?. In: MOTTA, Manoel Barros de (org). *Ética, Sexualidade, Política / Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, Sigmund. A divisão do eu no processo de defesa. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e Interminável. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GALLO, Silvio. A Vila: Microfascismos, Fundamentalismo e Educação. In: VEIGA-NETO, Alfredo Veiga-Neto; GALLO, Silvio (Orgs.) *Fundamentalismo & educação*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LA BOÉTIE, Ettiënne. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Baptiste. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MOREY, Miguel. La cuestión del método. In: FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, pp. 9-44, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SALES, Francisco. *Filotéia: introdução à vida devota*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

THOREAU, Henry David. *A desobediência civil*. Editora Companhia das Letras, 2012.

VIRILIO, Paul. *La Inseguridad del Territorio*. Buenos Aires: La Marca, 1999.

SOBRE O AUTOR

José Luís Ferraro

Doutor em Educação e Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação em Ciências e Matemática da PUCRS. Licenciado em Ciências Biológicas, estudou Bacharelado em Direito na mesma instituição. Foi professor visitante da University of Oxford (UK), University of Edinburgh (UK) e Universidade de Coimbra (POR). É pesquisador-líder do grupo de pesquisa Currículo, Cultura e Contemporaneidade, registrado no CNPq. E-mail: jose.luis@pucrs.br.